

Prísta Monteiro



- DE GRAUS - 2 ACTOS -
E
- NÃO É PRECISO IR A HOUSTON - 2 ACTOS -



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

1.ª Edição: Maio 1991

Tiragem: 1 500 exemplares

Capa de: António Casimiro

Edição: S.P.A. (com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura)

Impressão: Óptima Tipográfica — Casais da Serra — Malveira

Distribuição: CDL — Central Distribuidora Livreira

Depósito Legal: 24356

“NÃO É PRECISO IR A HOUSTON”

Menção Honrosa, Garrett 89 da Sec.

2 actos

de

PRISTA MONTEIRO

PERSONAGENS

PAI — Sessenta e quatro anos e de constituição pícnica embora agora nitidamente emagrecido, pois fica a "dançar" dentro das suas roupas. Voz grave e um pouco rouca.

De cabelo completamente branco usa contudo "pêra" e bigode de recorte jovem o qual cofia de vez em quando com um ar ainda surpreendido. A sua pele está bronzeada. Veste uma camisola "grenat" de gola alta, com "jeans" brancas e uns sapatos de "basket".

Tem óculos de aros grossos e lentes bifocais.

É professor num colégio, escritor, ensaísta, etc.

MÃE — Embora tenha a idade do "PAI" está mais bem conservada e é ainda muito bonita.

Igualmente professora e colega do marido na mesma escola.

FILHA — Tem trinta anos e é filha do casal precedente.

GENRO — Marido da "FILHA", da mesma idade que ela.

FILHO — Mais novo que a "FILHA". Seu irmão. Também usa bigode.

AMIGO — Médico-assistente e amigo de infância do "PAI", Solteiro.

O COLEGA — Jovens colaboradores do "PAI" no mesmo colégio.

A COLEGA

PRIMA — Cinquenta anos. Solteira. Professora de música.

EMPREGADA — Da idade dos patrões, o casal mais velho, e há muitos anos a trabalhar para eles.

À excepção do "PAI" todos os personagens vestem formalmente.

CENA

1.º ACTO

"Mesmo antes de extinção total das luzes já se começa a ouvir a ritmada campainha de um telefone. Momentos depois o pano sobe e o observador é então introduzido numa discreta sala de visitas, local da origem daquele persistente ruído. A ele, porém, se vêm juntar agora outros sons próprios do alegre jantar que se realiza na sala ao lado a qual está separada deste apenas por um par de portas envidraçadas e corrediças, neste momento fechadas e que constituem a face esquerda desta sala. A parede da direita apresenta uma larga janela sob a qual se encontra um antigo, mas ainda belo, sofá do tipo otomana. Em frente deste há uma ampla mesa redonda, baixa, onde se vêem algumas revistas, bibelots, jarra com flores, etc.

Ao fundo existe uma porta que dá para um corredor.

Através daquelas vidraças pode assistir-se a um agitado movimento de silhuetas e ouvir-se, embora não muito distintamente, as gargalhadas dos ocupantes da casa de jantar. Esta, mesmo quando aberta, não permitirá nunca ter dela uma visão para além de esquivas sombras ou de pequenos ângulos dos seus móveis.

Na sala de visitas encontram-se ainda dois "maples", cadeiras, uma estante para livros, uma ou duas pequenas mesinhas, um velho rádio-móvel e sobretudo, muitas flores por toda a parte. Dispersos, alguns bonitos embrulhinhos, a maior parte deles com os seus vistosos papéis já violados.

Nas paredes dois ou três quadros "impressionistas" de autor desconhecido e dois "appliques" os quais juntamente com um candeeiro de pé alto oferecem a esta sala uma suave iluminação que contrasta com a intensa luz da casa ao lado. O ambiente geral é sugestivo de um certo meio intelectual mas de modesto nível económico.

A acção desenrola-se, toda ela, nesta sala e vai desde este jantar até ao dia seguinte.

O primeiro acto atinge, por vezes, um ritmo trepidante ao contrário do segundo, constantemente interrompido por longos silêncios.

Passados momentos as meias-portas são bruscamente afastadas para deixar passar, alegremente, a "FILHA". As vozes do lado ouvem-se então mais nitidamente."

- 1.^a VOZ OFF (*rindo*) — Eu não dizia? Tinha de ser!
2.^a VOZ OFF — Sempre! Quando estamos à mesa..
FILHA — Deixem! Vou lá eu.

(*Fecha as portas atrás de si e dirige-se, cantarolando, para o telefone.*)

- 3.^a VOZ OFF — (*com alegria*) — Ora! Hoje!...
4.^a VOZ OFF — Hoje vale tudo! Hip! Hip!...

(*Várias vozes secundam, ruidosamente esta saúde.*)

FILHA — (*ao telefone*) — Está!? (*Pausa*) Ham!? Ah! És tu! Ainda bem! (*Pausa*) Oh! Maravilhoso! Está formidável! Ham!? (*Pausa*) Bem... tem períodos. Ora está eu-fórico... ora com as suas recordações exacerbadas. (*Pausa*) Sim, muito vivas, ainda, sim. (*Pausa*) Pois!

Claro! Foi sempre um ciclotímico. *(Pausa)* Claro, claro! Hoje, quero lá saber. *(Ri. Pausa.)* O quê!? Mas não vens? *(Pausa)* Qual tarde nem meio tarde!*(Pausa)* Vens pois! *(Pausa. Rindo.)* Oh! Vai ficar...radiante! Anda! *(Pausa)* Quando quiseres! Olha, nós já bebemos uns copos e isto agora... vai por aí fora até lá para as tantas. *(Pausa. Ri.)* Sim! pois. É isso mesmo! *(Ri)* Seis meses! Seis meses de idade! Calcula lá! *(Ri. Pausa)* Bom!. Não te demores. *(Pausa)* Sim! Estamos cá todos... sim, ham? *(Pausa)* Sim ainda esperamos mais alguns... *(Pausa)* Pronto! Ótimo! Adeus! Até já. *(Pausa)* Pronto, pronto, adeus! *(Desliga. Da sala de jantar chega agora o ruído do arrastar de cadeiras e uma alegre vozeria onde de súbito se destaca a palavra "Houston". A "FILHA" imediatamente alertada deixa suspensa a mão sobre o telefone e depois, tensa, repete para si própria) — HOUS - TON! (Pausa. Reflecte naquela palavra e acende um cigarro. Após duas fumaças, contudo, esmaga-o no cinzeiro e esforça-se por espalhar o fumo com ambas as mãos. Por fim, de novo descontraída, dirige-se para a casa ao lado indo, porém, esbarrar com os outros personagens que acabam de abrir as meias-portas e vêm invadindo a sala de visitas ainda de copos na mão. À frente o "PAI", tomando o braço do "AMI-GO", e logo após, o "GENRO", a "MÃE" e finalmente o "FILHO", que já demasiado alegre, além do copo, trás também na outra mão uma garrafa de champanhe.*

O "PAI" vai sentar-se no sofá e aí permanecerá toda a primeira parte deste acto rodeado pelo "AMI-GO" e pelos filhos que vão formando um círculo em torno dele. De vez em quando, porém, os mais jo-

vens dispersam-se pela sala sem que, contudo, os seus diálogos, embora sobrepostos, sofram mais do que ligeiro afrouxamento de modo a não impedirem uma boa percepção do que se passa no núcleo central.) — Eh! Já acabaram!?

FILHO — Acabar!? Que ideia! *(Bebe uma golada)*

PAI — *(misto de cansaço e de felicidade)* — Enfim! desta vez!...

AMIGO — *(senta-se. Discreta satisfação)* Saiu-te a sorte grande!

PAI — Hum! Parece que sim.

MÃE — *(sentando-se ao lado do "PAI")* — Um milagre!

FILHO — *(espalhafatoso, copo em riste)* — Hem! E não foi... *(gritando)* preciso - ir - a - Houston! Viva!

TODOS — *(em coro, alegremente)* — E não foi preciso ir a Houston! Hurrah! Hurrah! Hurrah! *(Bebem)*

FILHO — *(excitado)* - Copos! Mais copos para toda a gente. *(Dirige-se à porta do corredor e grita)* Mais copos! Por favor!

PAI — *(agora com certa gravidade)* — Mas esteve quase! Ham!

FILHA — *(hesitante)* — Ora... pai!

PAI — E sabem!? Não me tinha ralado muito. À parte a despesa claro!

MÃE — Ora, a despesa!...

FILHA — *(para o "PAI")* — O quê? Tu!? *(Gargalhada)*

PAI — *(reflectindo)* — É estranho, não é!? Pois! Eu!

FILHA — Estranho!? Oh! *(Ri)* Só se nos levasses a todos! Atrás de ti.

GENRO — E eu, cá por mim... Sempre desejei ir ao Texas! Pum! Pum!

(Ri, no que, porém, não é acompanhado pelos outros).

FILHO — *(sempre ruidoso)*. — Bem! Agora vamos lá à tal surpresa.

PAI — *(sorrindo)* - Oh! Ainda é muito cedo.

FILHO — Que chatisse pai. Diga lá.

GENRO — Anda para aí a intrigar-nos. Há que tempos!

MÃE — *(com elevô)* — Mais tarde, filhos. Mais tarde.

GENRO — Ora bolas!

MÃE — É que nós... também gozamos com a vossa ansiedade.

PAI — *(rindo)* — Dá um certo sabor à surpresa.

FILHA — Bem! Desde que a montanha não venha a parir um rato...

PAI — *(rindo abertamente)* — Oh! Temo é que seja um dragão.

GENRO — E lá está ele, hem! Bom! Paciência!

AMIGO — *(reflectindo. Para o "PAI")* — Hum! Tenho estado a pensar. No fundo... no fundo creio que te compreendo.

PAI — Ham! Como? Ah, sim! *(Pausa)* Pois é. A partir de certa altura...

AMIGO — A partir de certa altura...

(É interrompido pela chegada da "EMPREGADA". Veste bata escura, avental e usa um pequeno xaile. É discreta, com uma expressão quase ovina e tem o hábito de coçar a orelha quando fala. Há entre ela e os patrões uma subentendida e velha intimidade. Traz um tabuleiro com copos e duas garrafas. O "FILHO" ajuda-a e depois vai servir toda a gente excepto a "MÃE" que acompanha a "EMPREGADA" até à porta para com ela estabelecer aí um pequeno diálogo simultâneo.)

MÃE — Veja se ainda lá temos mais umas garrafas.

EMPREGADA — Ainda lá há alguma coisa.

MÃE — Bom! pode pô-las na casa de jantar? Oiça e já agora, mais uns copos também, sim?

EMPREGADA — Está bem minha senhora!

(Sai. Os outros foram bebendo e o "AMIGO" continuou sempre a falar. A "MÃE" aproxima-se do grupo.)

AMIGO — ...lá mais para o fim... pode fazer-se deles... tudo o que quisermos. Até dos mais duros. Até daqueles... que... que... em...

PAI — *(rindo)* — ...que em vida! Podes dizê-lo.

(O "FILHO" e o "GENRO", afastam-se, agora, com os seus copos e encetam também paralelamente uma pequena conversa).

GENRO — *(para o "FILHO")* O teu pai está porreiro, ham!

FILHO — *(com ternura não isenta do champanhe)* — O quê? O velho!? O velho está bestial!

GENRO — Ele tem qualquer coisa na manga! Não achas?

FILHO — Não sei. Já vamos ver.

(Remexem nos discos até o "FILHO" intervir no grupo central)

MÃE — *(para o "PAI")* — Eh! O que para aí vai.

AMIGO — Sim, sim! Dos que em vida. Dizes bem.

FILHA — Oh mãe, temos de concordar que o pai...

MÃE — *(reflectindo)* — Sim! Bem sei! Houve um tempo...

FILHO — *(interrompendo bruscamente)* — Bom, mas isso agora já não interessa nada! Pronto! Acabou-se. Vamos a outro copo! *(Troca a sua garrafa por outra mais recente. Serve)*. Vá! Este está mais fresco.

PAI — *(depois de beber. Para o "AMIGO")* — Dizias tu "dos que em vida..." O quê!? Sabem tudo... à cerca deles próprios! Não é?

AMIGO — Hum! Mais ou menos.

(Pausa).

PAI — Dos que têm sempre ideias bem definidas...

(Pausa).

AMIGO — Planearam sempre todos os actos da sua vida. Para eles, tudo está indiscutível e definitivamente assente.

FILHO — Oiçam lá! E se os senhores se deixassem dessa gemadeira a dois... e fossemos antes à surpresa-zinha? Ham?

GENRO — A-poiado! *(Bate umas palmas isoladas)* Apoiado!...

PAI — *(rindo)* — Calma homem! Calma!

FILHO — Qual calma! Não vêem que estamos todos... interessados?

(Atira-se para um maple e vai bebendo sempre.)

FILHA — Bem! Ou... ou preocupados!

MÃE — Ora! Não há razão para isso. Esperamos!

FILHA — Então porquê todos estes segredinhos?

MÃE — *(rindo)* — Bom! Primeiro acho prudente digerirem bem o vosso jantarinho.

FILHA — Oh raio! Que mistérios!

(É agora a vez de o "GENRO" e a "FILHA" se afastarem do grupo da mesa, atraídos pelo velho gira discos. Novo diálogo simultâneo).

GENRO — *(para a mulher.)* — Que estarão eles para ali a
congeminar, hem?

FILHA — Não sei... mas tenho medo.

GENRO — Ora! Vais ver. Vão fazer uma viagem qualquer.

FILHA — *(pondo um disco a girar mas em tom muito bai-
xo)* — Oxalá!

GENRO — Há tanto tempo que não saem, coitados!

(Pausa. Música suave).

FILHA — Desde o princípio do jantar que estão nisto.

GENRO — Seja como for... é alguma coisa que lhes vai
dar muito prazer.

FILHA — Hum! Valha-nos isso.

(Entretanto o outro diálogo continuou).

PAI — *(para o "AMIGO")* — Não chegaste a acabar a tua
ideia! Diz-lá. "Como eu!" Não era o que ias a dizer?

(Pausa).

AMIGO — Sim! Como tu! A proximidade da morte funcio-
na para muitos como um prisma no qual a sua vida
se vem refractar.

PAI — *(Ri)* Uns transformam-se em ateus enquanto outros
se convertem. E outros... perdoam o imperdoável.

AMIGO — Sim! Raros permanecem inteiriços.

MÃE — É normal! Não acha? Como uma rocha... do alto
duma montanha... Quando chega cá abaixo foi tão
trabalhada que já não é a mesma que caiu.

AMIGO — É pena!

PAI — Sim! Às vezes!

MÃE — Hum! Se a metamorfose fosse sempre... a tolerância!...

PAI — *(dando pelos filhos em torno do rádio)* — Eh! Que estão vocês para aí a bichanar? *(Rindo)* Oh! Descansem. Por mais que se ralem...

MÃE — *(rindo e abanando a cabeça)* — Não adivinham, não!

FILHA — Bom! Está bem! Continuem lá com isso. Nós... cá vamos esperando.

FILHO — *(um pouco mole, bebendo mais um trago)* — O casal quer levantar vôo? Pois levante!

FILHA — *(Irritada. Aproximando-se)* — Mas porquê este "suspense" todo?

PAI — Bem... não é nada disso! Vocês não disseram que vem para aí... mais não sei quem?

MÃE — Claro! Espera-se!

FILHO — Cá por mim... até já desisti. Pronto!

FILHA — Oh! Mas então... é assim? Para a família toda?

PAI — *(ri. Para o "AMIGO")* — Deixa-os lá! Bem! Ouve! Portanto compreendeste a minha... conformação. Ou indiferença!

AMIGO — Hum! Sim! Acho que sim.

MÃE — Indiferença!? Ora! Tu, até ao fim, soubeste sempre o que querias.

GENRO — Ah, bem! Se não fosse, ainda, o pai...

FILHA — O pai é que nos encorajou a todos, bolas!

MÃE — Oh! Nem me quero lembrar. *(Com ansiedade)* As tuas mãos... os teus dedos... *(Faz o sinal de cortar, com dois dos dedos)* A última noite! *(Horrorizada)* Aquela... sirene!

(Pausa).

FILHA — E nem falar podia!